

Qualidade de Vida como objeto de estudo polissêmico: contribuições da Educação Física e do Esporte

Quality of Life as an object of study several meanings: contributions of Physical Education and Sports

Marco Antonio Bettine de Almeida
Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo – USP – São Paulo - Brasil
marcobettine@usp.br

Gustavo Luis Gutierrez
Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp – Campinas – Brasil
gutierrez@fef.unicamp.br

Renato Francisco Rodrigues Marques
Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp – Campinas – Brasil
renato.marques@yahoo.com.br

Resumo

O texto apresenta uma reflexão sobre questões atuais de Qualidade de Vida, destacando tanto a contribuição da educação física e do esporte no sentido do desenvolvimento conceitual do campo, como enquanto instrumentos de intervenção concreta em práticas e políticas vinculadas aos objetivos de melhoria de qualidade e estilo de vida de populações. Procura desenvolver uma abordagem histórica, problematiza a questão da multidisciplinaridade principalmente na interação entre referenciais de biológicas e humanas, destaca a identidade entre abordagens da Educação Física e os estudos de Qualidade de vida e procura apontar alternativas possíveis e coerentes de apropriação do esporte neste campo de pesquisa e intervenção.

Palavras-chave: Qualidade de vida, educação física, esporte, cooperação.

Abstract

The text presents a reflection on current issues of quality of life, emphasizing both the contribution of physical education and sports to the conceptual development of the field, and as instruments of intervention in specific practices and policies related to the goals of improving the quality and style of life of people. Seeks to develop a historical approach, presents the issue of multidisciplinary mainly in reference to interaction between biological and human, highlights the fact that approaches to physical education and studies of quality of life and seeking possible alternatives and consistent point of ownership of sports in this field of research and intervention.

Keywords: Quality of life, physical education, sports, cooperation.

1. Educação Física e Esporte práticas sociais em expansão

Os estudos sobre qualidade de vida na educação física e no esporte são recentes. Este

processo se deu principalmente pela inserção e avanços da prática de exercício pela população de um modo geral. A Atividade Física, por sua vez, é objeto de estudo de movimentos teóricos mais antigos, desde os métodos ginásticos europeus que constituíram a base histórica para o surgimento da educação física, até a sistematização das aulas em academias de ginástica e programas de treinamento voltados à promoção da saúde.

Existia uma relação indireta da Educação Física, na sua área de intervenção, com os princípios que norteiam o estudo da qualidade de vida. No entanto, esta afinidade por via transversa, como no caso dos métodos ginásticos europeus, que apesar de terem preocupações higienistas também eram carregados de sentido militarista, não possibilitou pensar o exercício como meio de uma vida mais saudável já que a atividade física servia para um fim extrínseco.

Particularmente no Brasil, os estudos da educação física que buscavam a participação popular e sistematização da atividade física como prática nacional deram-se, principalmente, na década de 1960. Neste período histórico se iniciaram os programas governamentais para atuar nos municípios. Estes programas propunham a transição entre o esporte formal e o não formal. Isto é, a transição entre o esporte sistematizado – como Futebol, Atletismo ou Basquete – para a prática recreativa nos momentos de lazer.

Os programas esportivos da Secretária de Cultura e Esporte, tanto ao nível Nacional como Internacional, têm sido freqüentemente relacionados com atividades características de não formalidade, como as de lazer e a participativas que, ao mesmo tempo, diferenciam-se do esporte formal enquanto aspecto de conduta sócio-cultural. Todas essas denominações os identificam como elementos de transição entre práticas oficiais, competitivas e de alto desempenho (características dos esportes de rendimento), e as de recreação, esportiva ou não, das pessoas em seu tempo livre.

O Esporte participação inicia-se com a adaptação das modalidades mais conhecidas, como futebol, basquete, vôlei e atletismo, para depois formar novas frentes de prática da atividade física de maneira ampla. O Esporte, antes caracterizado por uma utilidade prática e voltado a interesses finais de trabalho ou ascensão social, agora seria também praticado como esporte de massa. Essa massificação do esporte levou aos estudiosos da saúde e, por conseqüência, da qualidade de vida, a debruçarem-se sobre este fenômeno e estudar os benefícios do esporte como atividade voltada à saúde e socialização.

Os Estudos da Educação Física e do Esporte dinamizaram as práticas de atividade física, propondo atividades de lazer para os municípios, mesmo para aqueles que não possuíam uma secretaria específica. Os meios midiáticos também divulgaram em demasia a importância da atividade física, sendo utilizados como veículos para prática de exercício.

A partir da década de 1980, o fenômeno esportivo ganha força e a prática de esportes começa a ser ampliada. As aulas ministradas neste período valorizavam a disciplina, o exercício sem uma reflexão e a pedagogia repetitiva. Neste processo o esporte se firmou como única forma de educação física. Assim, o conjunto de práticas corporais possíveis de serem abordadas e desenvolvidas resumiu-se a algumas modalidades esportivas. As práticas de educação física passaram a ter como fundamento primeiro a técnica esportiva, o gesto técnico, a repetição, enfim, a redução das possibilidades corporais a algumas poucas técnicas estereotipadas.

A intenção de promover uma melhora da aptidão física da população, associada ao crescimento esportivo, levou a educação física a um processo de esportivização (OLIVEIRA, 2004). Esse processo não se deu exclusivamente para descobrir novos talentos. O esporte ensinado era pautado em normas do alto rendimento e transmitiam valores como respeito às regras e às autoridades, através de atividades em massa, com normas unificadas, pautadas na especialização de ações e movimentos. O esporte era visto pelo Estado como um fenômeno agregador da sociedade, que dava um caráter de massas à atividade física (OLIVEIRA, 2004).

A esportivização da sociedade proporcionou uma educação voltada à busca de talentos, do vencedor e da necessidade da prática do esporte para o bem-estar. O esporte assume assim um posto privilegiado perante os programas governamentais, como uma possibilidade de lazer de massa, formação de cidadãos, transmissão de valores de competição e busca por crescimento, representatividade nacional e a forma de expressar o país como uma grande nação em

desenvolvimento.

Outra ocorrência que ilustra o processo de ampliação das práticas de atividade física e do esporte de massa foi a criação de turmas de treinamento esportivo em escolas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Estas turmas valorizariam a prática do esporte e a sua ampliação como atividade de popular.

Todo este processo levou à democratização do esporte e da atividade física, conjuntamente aos estudos pedagógicos da Educação Física. Acrescenta-se também, às novas formas de intervenções profissionais preocupadas com a participação, uma atenção social com a saúde, desvinculando-se do conceito mais simples de saúde como ausência de doença, para o conceito de saúde como sinônimo de boa qualidade de vida. Estas aproximações levaram os pesquisadores da Educação Física a pensar a qualidade de vida como elemento característico da atividade física.

2. A qualidade de vida: significados e áreas de atuação

Tornou-se corriqueiro, no âmbito do setor saúde, utilizar o termo qualidade de vida. A mudança semântica do sentido do termo saúde nos leva a desenvolver um processo amplo de pensá-lo a partir de argumentos macro-sociais, ao invés de tomá-lo como ausência de doença pura e simples. Aos poucos, são ampliados os limites de algumas abordagens biomédicas, colocando a qualidade de vida como conteúdo a ser explorado no âmbito da saúde.

Podemos pensar qualidade de vida como noção, entendimento, construção histórica, relacionada aos sentimentos psíquicos do sujeito encontrados na vida familiar, amorosa, social e ambiental e na própria existência. Pressupõe, também, um conteúdo social, relacional e cultural que envolve a preocupação de possibilitar acesso aos bens materiais que determinada sociedade considera seu padrão de conforto. Podemos perceber que qualidade de vida abrange muitos significados, que refletem conhecimentos, experiências e valores de indivíduos e coletividades em épocas, espaços e histórias diferentes, como uma construção social com a marca da relatividade cultural, sem permitir qualquer tipo de discriminação (MINAYO et al., 2000).

Resumidamente, podemos pensar num conteúdo da qualidade de vida ligado a duas esferas. Uma subjetiva, que seria o estilo de vida, compreendido enquanto a forma pela qual uma pessoa, ou grupo de pessoas, escolhe, acessa e usufrue bens materiais, sociais, culturais e particulares. E outra objetiva, com base nas condições e modo de vida, no sentido das políticas governamentais que pensam a qualidade de vida da população e estipulam os limites de acesso e escolha do indivíduo a bens e hábitos na sociedade, além de direcionar as possibilidades de ação de acordo com a posição social e econômica do sujeito (GONÇALVES, 2004). A intrínseca relação entre condições de vida e qualidade de vida define o estudo da promoção da saúde como estratégia central de ação, com uma visão multidisciplinar que engloba não somente a medicina, mas também a área de saúde de modo geral, e aquelas que transitam pelas humanas e biológicas, como a Educação Física, além de outras contribuições como as da área de sociologia, política.

Em resumo, a noção de qualidade de vida transita em um campo semântico e polissêmico: de um lado, está relacionada ao modo, condições e estilos de vida (CASTELLANOS, 1997), de outro, inclui as idéias de construção humana e valores socialmente constituídos. E, por fim, relaciona-se ao campo da democracia, do desenvolvimento e dos direitos humanos e sociais. No que concerne à saúde, as noções se unem em uma resultante social de construção coletiva dos padrões de conforto e tolerância que determinada sociedade estabelece, como parâmetros, para si.

Os estudiosos do tema, após estes primeiros textos de construção do objeto qualidade de vida, viram-se na necessidade, principalmente pelo diálogo com o campo das ciências biológicas, de construir indicadores para medir a qualidade de vida das populações e dos indivíduos. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, foi criado com a intenção de deslocar o debate sobre desenvolvimento dos aspectos econômicos – como nível de renda, produto interno bruto e nível de emprego – para aspectos de natureza social e também cultural (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2004a). Essa forma de análise acaba por dar conta da esfera objetiva, ligada aos diferentes acessos a bens de consumo e

subsistência das populações. Após os estudos sobre o IDH e seus primeiros resultados, procurou-se ampliar os indicadores para dar conta do conteúdo polissêmico de qualidade de vida. Nesse sentido, é apresentado o instrumento desenvolvido pela Organização Mundial de Saúde, por meio do Grupo de Qualidade de Vida, o WHOQOL-100 (1995), que vai definir qualidade de vida pela percepção da esfera subjetiva, através de contextos sociais amplos e valores historicamente construídos. O grupo apresenta ainda uma versão abreviada desse instrumento, o WHOQOL-bref.

Cabe-nos perguntar, porém, se estes dados objetivos e pontuais são de fato indicadores confiáveis de uma melhora na qualidade de vida das pessoas. O primeiro problema que se coloca, nos estudos de Qualidade de Vida, é distinguir os avanços propostos com o intuito específico de melhoria de vida da população, dos avanços que fazem referência a ações dispersas decorrentes de alterações numa situação geral, sem uma ação direta do poder público. O segundo problema é a utilização de dados sem um rigor metodológico e sem as devidas análises macro. O terceiro é a utilização dos dados para política eleitoral onde um mesmo dado pode ser divulgado como propaganda governista, ou antigovernista, dependendo de como é apresentado (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007).

A discussão a respeito de políticas de qualidade de vida é muito distinta da discussão sobre o objeto de pesquisa qualidade de vida. A passagem de um referencial para outro é cheio de conseqüências e transformações. Enquanto a pesquisa teórica busca ampliar o conhecimento acumulado a respeito de um determinado assunto, a prática política busca a ampliação do poder dos agentes e o controle político de suas bases (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2004b).

Um aspecto essencial, nesta linha de raciocínio, é o caráter dúplice das políticas públicas de qualidade de vida. A qualidade de vida deveria ser vista como melhoria do estilo, modo e condições de vida. Associar as políticas públicas a esta ordem é muito complicado já que as ações, em sua maioria, priorizam a mudança subjetiva no estilo de vida, sem dar suporte material suficiente para ter condição de vida digna. Esta visão da qualidade de vida pode ser percebida em projetos federais de 2003-2006 como Mexa-se, Segundo Tempo, Esporte Lazer na Cidade e Política Nacional Contra o Diabetes, que propõem ações particularizadas sem proporcionar uma articulação entre os diversos setores sociais e administrativos (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007).

Uma intervenção mais consistente teria que abarcar tanto transformações e melhorias em escalas coletivas (condições de vida), aumentando as possibilidades de acesso, escolha e consumo dos sujeitos para que estes possam redimensionar seus estilos de vida, num sentido de melhoria de sua Qualidade de Vida. A partir da existência de uma esfera objetiva de possibilidades de escolhas garantida, os trabalhos no sentido de mudança de hábitos seriam mais eficazes (MARQUES; GUTIERREZ, 2009).

O conteúdo polissêmico do objeto qualidade de vida e suas políticas, acrescentado ao fato da construção de grupos de pesquisa na Educação Física, possibilitaram o fortalecimento da presença da área do Esporte e da Educação Física nos conteúdos e nas intervenções dos projetos de qualidade de vida. O Esporte e a Atividade Física (pensados pelos princípios pedagógicos da Educação Física), portanto, passaram de meras ações pontuais, para estudos fundamentados dos aspectos positivos do movimento na vida das pessoas, como mudança de Estilo de Vida e empoderamento de populações específicas, no sentido de fazerem melhores escolhas para suas vidas a partir das condições de vida dadas. (GONÇALVES, 2004).

Mas este processo, onde a atividade física e o esporte procuram passar de meros objetos de programas para sujeitos, não foi tranquilo. Muitos embates e debates foram necessários para vencer o dualismo entre as teorias pedagógicas e a ciência biomédica.

3. Educação Física e Esporte legitimando-se nos estudos de qualidade de vida

Muitas mudanças ocorreram desde a obrigatoriedade das aulas de Educação Física e dos programas de atividade física federais. Os estabelecimentos de ensino foram obrigados a oferecer aulas de Educação Física e terem espaços adequados às práticas de atividade física. Com o aumento de praticantes e espaço de atuação, como as academias, os clubes e praças, conjuntamente às

reformas na LDB e a criação do Bacharelado em Educação Física, surgiram faculdades para suprir a falta de educadores físicos. Neste primeiro momento a educação física foi formada, predominantemente, por pesquisadores ligados à área de saúde e de educação.

Estes dois grupos formariam, por um lado, as bases biomédicas, possuindo uma formação muito mais voltada para os aspectos biológicos da atividade física, preocupando-se com o desenvolvimento motor, fisiologia do exercício, biomecânica. Ao mesmo tempo, os pedagogos desenvolveram estudos com referência na área de humanas, como educação, antropologia, ciências sociais e psicologia, estudando o movimento, os jogos e o corpo.

A união destas duas tendências, apesar dos embates políticos e ideológicos, construiu um espaço amplo de atuação da Educação Física, e, por conseqüência, uma formação voltada à atividade física não somente como desempenho de alto-rendimento, mas também como saúde pensando o indivíduo de uma maneira holística.

A existência desta dualidade foi importante para criar um espaço de atuação profissional a partir dos dois campos de conhecimento. Fazendo uma aproximação rápida, houve entre tese e antítese uma síntese das duas correntes, com as diferentes áreas abarcando aspectos distintos. Por exemplo, na área biomédica a prática de exercício como saúde preventiva, na pedagogia o ensino pela atividade física, na antropologia outras formas de manifestação do movimento, nas ciências sociais os estudos do tempo livre, na reabilitação os esportes adaptados e na fisiologia do exercício o treinamento de amadores.

Estes estudiosos da educação física e do esporte, que se uniram em torno de um projeto maior, atuando na saúde e qualidade de vida, foram os responsáveis pelo crescimento da área e formação sólida nas universidades onde atuam, com projetos multidisciplinares e uma abordagem heterogênea. Exemplo disso é a Revista Brasileira de Qualidade de Vida, que tem como editor um educador físico.

A partir da formação de pesquisadores com esta preocupação de construção de algo em conjunto começou uma crítica à forma como a educação física estava sendo ministrada. Uma educação física de reprodução do movimento, sem uma preocupação com os valores da educação, ou a necessidade de fornecer elementos para o desenvolvimento motor, ou mesmo aspectos didáticos do ensino das atividades físicas.

A Qualidade de Vida, enquanto novo objeto de estudo da área de Educação Física e Esporte, procura abarcar o conhecimento de um grande número de pesquisadores, como os estudos do lazer, políticas públicas, atividade física na escola, programas de inclusão de idosos ou adaptação das bases biológicas dos exercícios para grupos especiais. Permite, assim, uma articulação e diálogo com os distintos campos do conhecimento que a educação física se propõe a estudar. Um meio termo à dualidade constituída durante muitos anos na educação física.

Podemos apontar como exemplo, neste sentido, as pesquisas desenvolvidas no âmbito do Departamento de Estudos da Atividade Física Adaptada (DEAFA), da Faculdade de Educação Física da Unicamp, pelo Grupo de Estudos da Qualidade de Vida, Saúde Coletiva e Atividade Física. Cabe destaque as publicações referentes a políticas públicas, gestão da qualidade de vida na empresa, fadiga institucional, novas tecnologias, programas específicos de intervenção, nutrição e cultura alimentar. Os resultados estão acessíveis em <http://www.unicamp.br/fef/espec/hotsite/gqve>.

A qualidade de vida se potencializa na educação social da população e na busca constante pela cidadania. Em outras palavras, o caráter educativo e pedagógico justifica a inserção da qualidade de vida nas políticas públicas, já que a condição e estilo de vida são fatores primordiais para o avanço global da sociedade.

A implementação de uma política de qualidade de vida se dá no interior de um projeto político mais amplo e através de uma máquina de administração pública. As dificuldades são enormes, pois o controle de uma verba para ser distribuída está vinculado à formação de grupos que irão compor uma base de apoio parlamentar o que leva, na maioria das vezes, a um conjunto de ações administrativas não coordenadas e independentes umas das outras. As lutas entre os diferentes grupos e tendências tornam muito difícil articular as propostas do campo da qualidade de vida com as de outras áreas como saúde, habitação e educação (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2004b).

As pesquisas e ações de qualidade de vida na Educação Física estudam as relações sociais presentes no ambiente de atividade física e as conseqüências destas na vida das pessoas, tornando necessário um entendimento acerca das formas de comunicação e relacionamento existentes nesse meio. Ao desenvolver um programa de atividade física é preciso considerar não somente os benefícios fisiológicos do mesmo, mas também procurar atender outros níveis de exigência do ser humano, como as necessidades de relacionamento, bem-estar e auto-estima, buscando estratégias para a promoção de boas condições de vida, manutenção da saúde, integração social e uma identificação maior das pessoas com a sociedade que a cerca. A prática esportiva se apresenta como uma dessas possibilidades, pois o esporte é um fenômeno social que além de incentivar a atividade física promove interação social e influencia no relacionamento e formas de comunicação entre os participantes.

Desse modo, pode-se dizer que a questão da qualidade de vida diz respeito ao padrão que a própria sociedade define e se mobiliza para conquistar, consciente ou inconscientemente, e ao conjunto das políticas públicas e sociais que induzem e norteiam o desenvolvimento humano, as mudanças positivas no modo, nas condições e estilos de vida, cabendo parcela significativa da formulação e das responsabilidades ao denominado setor saúde (RUFINO NETO, p.31, 1994).

Uma política pública de qualidade de vida, portanto, deve tanto estar voltada para melhores condições e acesso às práticas físicas e cuidados à saúde, quanto a uma intervenção no cotidiano que leve as pessoas a perceberem e valorizarem as atividades físicas em suas vidas.

4. Formas de intervenção em programas de qualidade de vida: Esporte

As características valorizadas no esporte de alto rendimento apontam para uma prática voltada à constante busca pela melhora de performance atlética e competitiva, o que exige grande dedicação dos praticantes e sinaliza para um ambiente profissional, afastando-se, portanto, dos princípios de qualidade de vida discutidos neste artigo. O esporte de alto-rendimento apresenta como objetivo de seus praticantes a busca pela vitória, superação do adversário e determinação de campeões através da comparação direta de performances e aptidões. Transmite valores como segregação, rivalidade, sobrepujança ao adversário e valorização dos vencedores em detrimento dos perdedores. Indivíduos que aceitam o alto-rendimento como a única forma de manifestação do esporte, ao incorporarem seus valores, pautam-se na vitória e na sobrepujança do adversário como o ponto central da prática esportiva, o que diminui as possibilidades de integração e socialização entre os participantes desta atividade (MARQUES, 2005).

O esporte inserido em programas de qualidade de vida pode ser praticado sob sua forma re-significada, ou seja, com adaptações que privilegiem os participantes e transmita valores ligados ao consenso, integração e cooperação. Por isso, é possível afirmar que o esporte se manifesta de forma heterogênea, pois pode tanto se pautar em características e determinações do esporte de alto-rendimento, como pode proporcionar um ambiente norteado pela busca do prazer e sociabilidade, que valorize as relações interpessoais, transmitindo valores de respeito por individualidades, cooperação, integração interpessoal e participação voluntária (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Os valores transmitidos pelo esporte como atividade de lazer respeitam seu caráter heterogêneo. Quando vinculado a normas do alto-rendimento, transmite os valores próprios desta prática. Quando tratado de uma maneira re-significada visa transmitir a auto-valorização e o reconhecimento de capacidades individuais próprias, influência positiva sobre a auto-imagem e concepção de vida, vivências coletivas, atuação social, prazer na vivência esportiva e valorização da ludicidade (MARQUES, 2007).

A prática esportiva, pautada em normas do esporte de lazer, quando re-significada, sugere ações cooperativas em suas atividades, visto que o objetivo é promover um processo de atividade esportiva independente da nomeação de melhores ou piores, vencedores e perdedores. Convém

observar que nesse tipo de atividade podem também ocorrer ações competitivas, visto que a competição é intrínseca ao esporte e, em alguns casos, como os esportes coletivos, por exemplo, existe a necessidade da presença de um oponente para a realização da prática (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Neste momento, os princípios da Qualidade de Vida, da prática Esportiva e da intervenção do profissional de Educação Física se encontram. O objetivo da qualidade de vida é o oferecimento de melhores condições de vida e a possibilidade de utilização destes recursos pelos sujeitos, transformando seu estilo de vida. O fenômeno esportivo, pensado como prática de grande aceitação social e com um alto potencial de intervenção, pode ser direcionado para a melhoria do estilo de vida. A Educação Física, com seu conteúdo pedagógico, pode fazer a intermediação com estudos sobre importância da atividade física para diferentes grupos sociais, além de formar profissionais comprometidos com os objetivos dos programas de qualidade de vida.

A sociedade contemporânea é muito competitiva e pautada em ações estratégicas. Estes ambientes reforçam os sentimentos de competição, segregação e comparação entre as pessoas. O esporte, inserido em programas de promoção e manutenção de qualidade de vida, pode ser pensado no sentido de evitar o reforço deste tipo de comportamento. Sendo o esporte um fenômeno social, as atividades esportivas em programas de qualidade de vida podem promover melhores interações sociais entre os participantes. Isto é possível através de práticas que valorizem o processo e não somente o resultado da atividade esportiva. Tais atividades são pautadas no esporte de lazer re-significado (MARQUES, 2007), no qual as regras e normas do alto-rendimento, assim como seus valores, não são adotadas de forma absoluta.

Para que esta proposta tenha sucesso é necessário, em primeiro lugar, a presença de profissionais qualificados para a promoção de atividades esportivas próprias para tais objetivos. É necessário, para um processo de comunicação positivo entre promotor da prática e praticantes, que haja um conhecimento a respeito de valores transmitidos pelo esporte e seus significados (MARQUES, 2005).

5. Considerações Finais

O campo da Qualidade de Vida, tanto no sentido da pesquisa teórica ou como alternativa de iniciativas e intervenções concretas, apresenta grandes desafios. É uma área em construção que depende, para seu desenvolvimento, do diálogo entre diferentes correntes e tradições acadêmicas. Além disso, é também um espaço de disputa e embate político, apropriado pelo cotidiano da gestão pública, caracterizada pelo conflito entre diferentes atores e partidos políticos.

Suas dificuldades são proporcionais às suas possibilidades para auxiliar o processo de construção de condições de vida mais justas, sadias e felizes para amplos segmentos da sociedade. A questão da qualidade de vida não pode ser pensada isolada, nem do desenvolvimento científico, e nem tampouco das lutas políticas, econômicas e culturais que a rodeiam. Neste contexto, a interface com a reflexão sobre a Educação Física e as diferentes formas de apropriação da prática esportiva podem contribuir de forma positiva para o avanço em qualidade de vida.

Referências

ALMEIDA, Marco e GUTIERREZ, Gustavo. Políticas Públicas de lazer e qualidade de vida: a contribuição do conceito de cultura para pensar as políticas de lazer. (67-84). In: VILARTA, Roberto (Orgs.) **Qualidade de vida e Políticas Públicas**: saúde, lazer e atividade física. Campinas, SP: IPES Editorial, 2004a.

_____. Subsídios teóricos do conceito cultura para entender o lazer e suas políticas públicas. **Revista Conexões** – Revista Digital – Campinas-Unicamp, v. 2, n. 1, 2004b. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/feff/publicações/conexões>>. Acesso em 20 mar. 2008.

_____. Índices de qualidade de vida no Brasil: instrumento para análise dos indicadores e das políticas públicas. **Revista gestão Industrial**, v. 3, n. 3, p. 148-159, 2007.

CASTELLANOS, P. Epidemiologia, saúde pública, situação de saúde e condições de vida: considerações conceituais. In Barata, R. B. (Org.). **Condições de Vida e Situação de Saúde. Saúde Movimento**, p. 31-76, 1997.

GONÇALVES, Aguinaldo. Em busca do diálogo do controle social sobre o estilo de vida. **Qualidade de vida e políticas públicas: saúde, lazer e atividade física**. Campinas: IPES editorial, 2004, p. 17-26.

MARQUES, R. Integração e bem-estar dos funcionários na empresa. O esporte como caminho. In: GONÇALVES, A.; GUTIERREZ, G.; VILARTA, R. (Orgs.). **Gestão de qualidade de vida na empresa**. Campinas, IPES editorial, p. 33-46, 2005.

_____. **Esporte e qualidade de vida: reflexão sociológica**. Dissertação de mestrado (2007). Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MARQUES, Renato; GUTIERREZ, Gustavo e ALMEIDA, Marco. O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte. **Revista Conexões**. v. 6, n. 2, p. 42-61, 2008.

MARQUES, Renato; GUTIERREZ, Gustavo. Contribuições teóricas da obra de Pierre Bourdieu à educação nutricional. In: MENDES, Roberto Teixeira; VILARTA, Roberto; GUTIERREZ, Gustavo Luis. (Orgs.) **Qualidade de vida e cultura alimentar**. Campinas, IPES editorial, 2009, p. 97-106.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de Vida: um debate necessário. **Revista Ciência e saúde coletiva**, v. 5, n. 1, p. 7-18, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n1/7075.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2006.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 2, Campinas, Autores Associados, p. 9-20, 2004.

PAIM, J. Abordagens teórico-conceituais em estudos de condições de vida e saúde: notas para reflexão. In: Barata, R. B. (Org.). **Condições de Vida e Situação de Saúde: Saúde e Movimento**, Rio de Janeiro: ABRASCO, p. 7-32, 1997.

RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO. **Novas tecnologias e desenvolvimento humano**. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Lisboa, Portugal: Trinova Editora, 2001.

RUFINO NETTO, A. Qualidade de vida: compromisso histórico da epidemiologia. In: COSTA, M. F. F. L; SOUSA, R. P. (Orgs.). **Qualidade de Vida: Compromisso Histórico da Epidemiologia**. Coopmed/Abrasco, Belo Horizonte, p. 11-18, 1994.

WHOQOL GROUP. The World Health Organization Quality of Life Assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization. **Social Science and Medicine**. v. 41, n. 10, p. 403-409, 1995. Disponível em: <<http://who.int/about/es/>>. Acesso em: 05 jun. 2006.